

## **Pós-fordismo, crise e valor: notas para um projeto de pesquisa**

**Edemilson Paraná**

*II Seminário Crítica do Direito e Subjetividade Jurídica, Universidade de São Paulo, 02 de setembro de 2021. Mesa: Pós-fordismo, crise e valor, 14h.*

Olá a todos e a todas, boa tarde.

É uma felicidade e uma grande honra participar deste importante evento e, ainda mais, compor essa mesa com tão distintos e competentes colegas. Agradeço ao convite do Prof. Alysson Mascaro, em nome de quem saúdo o trabalho de todas e todos envolvidos na organização e promoção desse seminário.

Tratar de “pós-fordismo, crise e valor” num tempo tão exíguo de arguição é um grande desafio. Desafio que nos leva, necessariamente, a um esforço de síntese certamente redutor da abrangência e complexidade da questão. Buscando equacionar esses limites, minha intervenção está circunscrita a algumas notas a respeito de novas questões e problemas de pesquisa que emergem no interior desta grande temática; no encontro dessas três mencionadas dimensões.

Ora, sabemos que, no quadro de uma investigação rigorosa sobre o capitalismo contemporâneo, a reflexão em torno do valor e da crise encontra-se em um nível distinto de abstração em relação ao problema mais conjuntural e concreto do “pós-fordismo”. Sendo este o caso, são necessárias mediações teórico-metodológicas que, a seu turno, nos remetem à operacionalização de alguns pontos de partida, hipóteses gerais e, para retomar uma caracterização pouca afeita ao marxismo, de um “estilo de pensamento” já tornados canônicos em nosso campo. Falo da análise das tendências e contratendências, dos processos, dinâmicas e forças de movimento, das relações entre estruturas e conjunturas, do global e do sistêmico, tendo como ponto de ancoragem o privilégio dado à materialidade da vida social, ou seja, a investigação à luz dos problemas fundamentais da produção e reprodução de um modo de produção. É partir desta ancoragem, a partir deste “simples e abstrato”, na linguagem da introdução de 57 de Marx, que podemos chegar, ou tentar chegar, como se quer, ao concreto complexo, visto em suas múltiplas determinações e relações – isso não sem, antes, claro, no começo de tudo, encaramos com abertura e humildade científica um concreto complexo ainda nebuloso, confuso, talvez até mesmo indecifrável.

Assim é que o valor nos aparece como a forma, a norma, como a âncora da organização global da vida produtiva sob o capitalismo – o tipo de conformação social em que o mercado se generaliza como instância fundamental de articulação da vida socioprodutiva, instituição em relação à qual todas as demais vão se remeter, se dispor, se relacionar em última instância. O valor é, portanto, uma forma social, produto de uma determinada maneira, historicamente específica, de organizar socialmente o trabalho. Sua materialidade advém, assim, das relações sociais que estruturam, organizam e dispõem o trabalho, nesse caso, assalariado e, como tal, explorado na produção de mais-valia, que é a base constitutiva daquilo que define o capital como relação social de valorização do valor.

A crise, por outro lado, é parte incontornável e inexorável dessas relações e de sua dinâmica, considerada sua natureza conflituosa, contraditória. A crise, como ademais a luta política e social não é, portanto, um elemento exógeno, mas uma variável endógena à reprodução do capitalismo, esse “sistema do capital”, que combina, contraditoriamente, forças construtivas, de um lado, e forças destrutivas, de outro. Forças que se interpelam e se interpõem no tempo e no espaço social.

Sendo valor e crise entendidos como conceitualmente inseparáveis no quadro de uma reflexão sobre a dinâmica capitalista, podemos descer, agora, alguns degraus em busca de algumas das relações mais concretas de causa e efeito, de codeterminação estrutural complexa entre essas duas dimensões no tocante à natureza do capitalismo contemporâneo. É neste nível – da fertilização empírica e histórica da operacionalização lógico-teórica – que se encontram alguns dos problemas que pretendo destacar. É também neste terreno que venho buscando desenvolver minhas próprias pesquisas, em diálogo e parceria com tantos outros colegas, dentre eles alguns dos que se encontram nesta mesa.

Como e a partir de onde investigar essa fase, momento ou configuração do capitalismo que aqui se define por pós-fordista? Como bem enquadrar as relações entre neoliberalismo e financeirização? Como, no interior dessa trama, elaborar sobre as transformações concernentes à informatização e à digitalização que, para tantos, parecem forçar as fronteiras da teoria do valor?

Uma via promissora reside na construção de objetos estrategicamente privilegiados em termos de tais injunções, para investigação das mencionadas tendências e contratendências. Privilegiados devido a sua complexidade e novidade, sua natureza

especialmente contraditória ou paradoxal, seu posicionamento de fronteira ou limite. A aposta é de que tais objetos talvez menos “óbvios” em termos de suas definições e caracterizações nos possibilitem fazer novas perguntas e, assim, quiçá, algumas novas descobertas, levando além nossa compreensão do capitalismo em nosso tempo.

Mais objetivamente, a plasticidade da reconfiguração dos circuitos de capital frente ao papel do crédito, de um lado, e do desenvolvimento científico-tecnológico, de outro, como fontes, a um só tempo, de expansão e crise do modo de produção capitalista frente aos limites autoimpostos pelo seu desenvolvimento afigura-se, nesta conjuntura, como uma aposta especialmente frutífera.

Diz Marx n’O Capital, que “[a] produção capitalista procura constantemente superar as barreiras que lhe são imanentes, mas só as supera por meios que lhe antepõem novamente essas barreiras e em escala mais poderosa”. Formas de descontar o futuro no presente, de empurrar para frente os limites e barreiras à valorização, de recompor, reorganizar e fazer avançar as forças produtivas, o crédito e as finanças, de um lado, e a ciência e a tecnologia de outro, configuram talvez as duas principais alavancas, os dois modos fundamentais de “alavancagem”, por assim dizer, do capitalismo contemporâneo – de modo particularmente intrigante a partir da grande crise de 2008, com tudo de luminoso e horroroso que isso significa.

É basicamente em torno dessa articulação, então, que pesquisei primeiro o que chamei de Finança Digitalizada (a relação entre o desenvolvimento das tecnologias da informação e da comunicação e o processo de financeirização da economia mundial), e depois a digitalização do dinheiro e as inovações monetário-financeiras como o Bitcoin.

Desde então, venho tentando desenvolver, junto de colegas do nosso Núcleo de Estudos em Economia, Tecnologia e Sociedade (NETS), sediado na Universidade Federal do Ceará, um programa de investigação que busca pensar as relações entre o que se chama de digitalização e informatização (que abrange também, contemporaneamente, debates em torno do que tem se denominado uberização, plataformização etc.) no quadro mais amplo dos processos de neoliberalização e financeirização. Inspirados nas balizas sólidas da crítica marxista da economia política, são trabalhos, para citar apenas alguns deles, que pensam coordenadamente assuntos como: a dinâmica monetária e a digitalização do dinheiro e das finanças, a natureza da mercantilização do conhecimento e da informação, a teorias marxistas da crise e da renda, a automação do trabalho e da produção, as novas

formas de quantificação social, a natureza política de avanços da inteligência artificial e as novas possibilidades sociotécnicas abertas para a planificação econômica.

Como sabemos, novas formas de controle produtivo no capitalismo ensejam ou se relacionam diretamente a novas formas de controle social, bem como lutas dentro e contra estes, lutas de classe, em suma. Por isso, temos voltado nosso olhar, adicionalmente, para o desenvolvimento e avanço de tais relações entre neoliberalismo, finanças e tecnologia, ou dessa “tecnologização financeirizada”, no campo da saúde, da segurança pública, da educação e da construção de novas identidades políticas.

Em meio ao quadro de instabilidade política e social e as desigualdades crescentes observadas neste capitalismo pós-fordista tardio, convocamos, assim, a teoria do valor-trabalho a enfrentar intelectualmente a crise e, deste ponto de partida, investigar algumas das tendências que emergem da pesquisa de tais objetos, dentre as quais: a aceleração social relacionada a compressão dos fluxos espaço-tempo; o crescente privilégio estratégico da propriedade sobre a produção e produto; o papel dos dados, do controle e da informação, em suma, um encontro, que parece cada vez mais pervasivo entre descentralização técnica com centralização e concentração **econômica**. Trata-se de perguntar em que medida a teoria marxista nos ajuda a compreendê-las e, na volta, de que modo sua investigação possibilita repensar o próprio aparato conceitual marxiano e sua pertinência para a compreensão do mundo a nossa volta.

Convidamos a todos e todas que julgarem adequado esse enquadramento e pertinentes as hipóteses preliminares de investigação aqui elencadas, a debaterem e se engajarem conosco nesse esforço de pesquisa que só pode ser feito coletivamente.

Obrigado.